



Variação e mudança no uso de clíticos na fala de estudantes universitários

Variation and change in the use of clitics in the speech of university students

Alessandra Araújo Marinho¹
Rogério Marcelino dos Santos Melo²

RESUMO: Esta pesquisa objetiva verificar a ocorrência (ou não) dos clíticos “o”, “os”, “a”, “as”, para a retomada do objeto direto anafórico em português brasileiro na fala de estudantes universitários em João Pessoa. Pesquisas apontam para um processo variável de realização do objeto direto anafórico, apresentando como estratégias de preenchimento: a) o clítico acusativo; b) o pronome lexical; c) o objeto nulo ou categoria vazia; d) o sintagma nominal anafórico. O *corpus* utilizado para o desenvolvimento da pesquisa é constituído de dados reais de fala de entrevistas com universitários. Definiu-se o fator escolarização para contrapor o uso da variante padrão à escolha da variante pelos entrevistados. Esse fenômeno é analisado sob a perspectiva da Sociolinguística e dos estudos clássicos de Cunha (1975) e Cegalla (1985). Para tanto, ancorou-se na metodologia da Teoria Variacionista (Labov, 2008 [1989]). Com a análise dos dados, percebeu-se o uso de pronomes lexicais, prevalecendo como estratégia anafórica privilegiada pelos entrevistados. Dessa forma, aponta-se a possibilidade de haver uma tendência à variação e mudança no uso dessas formas clíticas na fala espontânea dos estudantes.

Palavras-chave: Objeto direto anafórico; Sociolinguística; Língua falada; Variação morfossintática; Universitários.

ABSTRACT: This research aims to verify the occurrence (or lack thereof) of the clitics “o”, “os”, “a”, “as” for the resumption of the anaphoric direct object in Brazilian Portuguese in the speech of university students in João Pessoa. Research indicates a variable process in the realization of the anaphoric direct object, presenting the following strategies: a) the accusative clitic; b) the lexical pronoun; c) the null object or empty category; d) the anaphoric noun phrase. The corpus used for the development of this research consists of real speech data from interviews with university students. The factor of education was defined to contrast the use of the standard variant with the choice of variant by the interviewees. This phenomenon is analyzed from the perspective of Sociolinguistics and the classic studies of Cunha (1975) and Cegalla (1985). To this end, the methodology of the Variationist Theory (Labov, 2008 [1989]) was anchored. With the analysis of the data, the use of lexical pronouns was perceived, prevailing as the preferred anaphoric strategy by the interviewees. Thus, it points to the possibility of a trend towards variation and change in the use of these clitic forms in the spontaneous speech of students.

Keywords: Anaphoric direct object; Sociolinguistics; Spoken language; Morphosyntactic variation; College students.

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba. Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília. E-mail: alessandramarinobr@gmail.com

² Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Mestre e Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico da UFPB (GPCL) e do Grupo de Estudos sobre a Voz (GE-VOZ). E-mail: rogeriomarcelino.lettras2013@gmail.com



Introdução

Segundo Monteiro (2000), a língua é objeto de estudo de vários ramos do conhecimento, distinguindo-se pela forma de análise desse objeto. Na linguística existem pesquisas muito relevantes sobre o objeto direto anafórico em vários níveis. Para a sintaxe realização do objeto direto anafórico³ destaca-se por ser um tema relevante a essa área de investigação, cujo foco é de interesse deste trabalho. Estudos apontam a realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa no português brasileiro, enquanto um fenômeno variável, que pode ser apresentado como: a) o clítico acusativo; b) o pronome lexical; c) o objeto nulo ou categoria vazia; d) o sintagma nominal anafórico, (Duarte, 1989).

Em suas pesquisas, Duarte (1989) indica haver um distanciamento entre o que parametriza a Gramática Tradicional e o português falado no Brasil. Para tanto, estudou a fala de paulistanos advindos das zonas urbanas e rurais, analisando as estratégias usadas por eles e avaliando o efeito da escolaridade na escolha da variante pelos falantes para a retomada do objeto direto anafórico.

A fim de contrapor os estudos clássicos da tradição gramatical sob a óptica de Cunha (1987), Cegala (1989) e Fiorin (2004), a pesquisa pauta essa discussão nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, ancorada na metodologia da teoria da variação (Labov, 2008 [1972]). Portanto, investiga, analisa e sistematiza as variantes linguísticas adotadas por uma mesma comunidade de fala, consoante Weinreich, Labov e Herzog (2009).

Segundo Labov, "uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes em que todos usam as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua" (2008, p. 188). Ou seja, a produção linguística dos falantes é dependente de fatores estruturais e, também, das interferências de fatores sociais na variação da fala, porque ela não é arbitrária, mas sistemática e regular. Por isso, calcula-se qual a influência que tem cada grupo de fator, interno ou externo ao sistema linguístico, na realização de uma ou de outra variante.

Sendo assim, para este estudo, tomamos por *corpus* dados de fala de entrevistas com estudantes universitários pessoenses, objetivando investigar a retomada do objeto direto anafórico, a fim de analisar o que foi observado na língua falada dos entrevistados. Para

³ O uso do termo "anafórico" é genérico e difere do emprego que recebe no âmbito da Gramática Gerativa, na qual designa os pronomes reflexivos e recíprocos, que tomam obrigatoriamente como referente um antecedente em uma posição argumental na mesma sentença finita e em relação de c- comando. O termo aqui, refere-se a um item pronominal que tem como antecedente algum elemento mencionado no discurso, em oposição a elementos inferíveis ou contextuais.



tanto, construiu-se a hipótese de que estudantes de nível superior tendem ao uso do clítico acusativo (CL), fazendo uso da variante padrão consoante à tradição gramatical.

Tendo essa contextualização como plano de fundo, este texto se organiza da seguinte forma: seção 2 tece considerações sobre objeto direto anafórico de terceira pessoa, a partir dos pressupostos teóricos já mencionados; seção 3 dedica-se a explicitar o aporte teórico-metodológico que norteou a pesquisa, fazendo breve exposição acerca da Sociolinguística laboviana, concentra-se na metodologia à luz da Teoria da Variação e esclarece as etapas para a construção do artigo, a saber: (i) levantamento bibliográfico acerca da metodologia de pesquisa sociolinguística; (ii) realização de entrevistas; (iii) transcrição trechos de fala; (iv) análise de dados, onde se apresentam os resultados; seção 4 traz as Considerações Finais e os comentários sobre os dados obtidos, retomando a hipótese inicial do trabalho. Por fim, apresentamos as Referências.

1. Objeto Direto Anafórico

1.1A terceira pessoa

De acordo com Bagno (2011), o uso dos clíticos é um dos fenômenos da língua portuguesa que mais geram dúvidas e controvérsias. Isso se deve, em parte, às diferenças entre o português falado e o português escrito, mas também às variações regionais e sociais. Uma das principais questões relacionadas aos pronomes oblíquos é a escolha entre as formas *me/te/se/lhe/nos/vos/se/o/a/o/os/as*, valendo destacar que não existe uma regra única que determine qual forma usar em cada situação comunicativa. Os clíticos são de uso raríssimo, enquanto os pronomes *ele/ela/eles/elas* e a anáfora-zero são as estratégias anafóricas eleitas pelos brasileiros (Bagno, 2011).

Nesse sentido, estabeleceu-se uma distância enorme entre estudos sociolinguísticos e a tradição gramatical na análise da retomada anafórica do objeto direto de terceira pessoa. Pois, no âmbito da sociolinguística, não se concebe a prescrição de regras como única possibilidade de uso do objeto direto anafórico, em detrimento dos possíveis usos a depender da escolha do falantes.

Sob a ótica de Celso Cunha (1975), por exemplo, o que vale é a prescrição normativa, ao se referir ao emprego dessas formas clíticas. Para o autor defende que esses pronomes são utilizados como complemento de terceira pessoa do singular ou plural, para substituir um substantivo ou pronome com a função sintática de complemento de verbos transitivos diretos



ou indiretos. Assim, ao dizer “Ele comprou um carro.”, tem-se um verbo transitivo direto que exige um complemento direto, ou seja, sem auxílio de preposição. Na sentença “Ele obedeceu ao pai.”, temos um verbo com um complemento indireto com preposição. Nesses casos, os clíticos são utilizados para substituir os complementos com a seguinte reescrita, conforme a norma padrão: “Ele o comprou” ou “comprou-o”.

Ainda segundo Cunha (1975), o uso das formas clíticas (o,as,os,as) na função de complemento verbal, carece de parâmetros fonológicos que marquem essa fusão. Para que isso ocorra, as seguintes condições devem ser verificadas para aplicação do complemento objeto direto:

a) quando o verbo terminar em vogal, usa-se: o/a/os/as: O crime, vi-o com meus próprios olhos; A vida, amo-a indistintamente;

b) quando o verbo terminar com a estrutura nasal (m, ão ou ãe), usa-se: no/na/nos/nas: Meus livros, põe-nos em cima da mesa; As garotas, os jornais dão-nas como livres;

c) quando o verbo terminar em R, S ou Z, usa-se: lo/la/los, las, eliminando-se essas consoantes: Desejo amá-la para o resto da minha vida, O teste, fi-lo porque quis.

Nessa perspectiva, Cegalla (1985) expõe que os pronomes oblíquos podem ser átonos e tônicos. Os oblíquos átonos são: me,te,se,o,a,lhe,nos,vos,os,as. Eles são chamados de átonos porque se ligam diretamente ao verbo. Os oblíquos tônicos, por sua vez, são: mim,ti,si,ele,ela,você, nós,vós, eles,elas,vocês. Os pronomes tônicos possuem autonomia fonética e semântica, são pronunciados com força e carregam em si significado próprio. Os pronomes átonos são os complementos diretos, já os tônicos são utilizados com complemento preposicionado.

Em relação às regras de colocação pronominal, Cegalla (1985) diz que a próclise é a colocação do pronome oblíquo átono antes do verbo, geralmente quando há um elemento atrativo na frase, como advérbios, pronomes interrogativos, negativas, entre outros. Como no exemplo “Não se preocupe com isso”.

Efetivamente, a próclise é a forma mais comum e natural de colocação pronominal, pois há uma tendência ao esse uso no português falado no Brasil. Quanto à mesóclise, apenas ocorre com o pronome átono no meio do verbo, sendo utilizado apenas em tempos verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito, quando o verbo está no modo indicativo: “Entregar-lhe-ei o documento amanhã.” A ênclise é a colocação do pronome átono depois do verbo, sendo utilizada principalmente em contextos mais restritos, quando o verbo



está no imperativo afirmativo: "Faça-o imediatamente."

A propósito também do emprego do pronomes de terceira pessoa, Fiorin (2004) diz haver uma diferença fundamental em relação aos de primeira e segunda, porque estes se caracterizam por seu valor dêitico. Ou seja, tomam referência a partir do sujeito da enunciação, tendo o valor fixo de pessoa que fala e pessoa com quem se fala. Ocorre que os pronomes de 3ª apresentam como característica específica um traço anafórico, no sentido de que não têm uma referência determinada, fixa, mas podem tomar como referente quaisquer seres presentes no contexto lingüístico ou pragmático da enunciação ou mesmo algum ser inferível no discurso. Então, "enquanto eu e tu são sempre os participantes da comunicação, o ele designa qualquer ser ou não designa ser nenhum." (Fiorin, 2004, p. 164).

A título de exemplificação de como é controverso o emprego desses pronomes, citaremos, sumariamente, o *corpus* da pesquisa sobre a língua falada da cidade de São Paulo, segundo Duarte (1987;1989), a qual identifica um processo de mudança linguística em curso com relação à realização do objeto direto anafórico, com a substituição do clítico acusativo de 3ª pessoa (o,a,os,as) pela categoria vazia [cv] e, em menor escala, pelo pronome lexical na forma nominativa (ele[s]/ela[s]).

Nessa pesquisa, vários são os fatores de ordem estrutural que entram em jogo no uso das variantes, a saber: (i) morfológicos (tempo do verbo); (ii) sintáticos (estrutura da oração); (iii) semânticos (traço humano/animado) como condicionantes da variação. O clítico acusativo é favorecido por verbos no infinitivo e pelo traço semântico [+animado]. É fortemente desfavorecido pelo traço [-animado] e por SNs sentenciais, além do imperativo, dos tempos compostos e locuções com gerúndio. Quanto ao uso do o pronome lexical, o mesmo é favorecido por: (iv) tempos simples; (v) imperativo; (vi) locuções com infinitivo e gerúndio; (vii) estruturas sintáticas complexas (o objeto é também o sujeito de uma mini-orção ou de uma subordinada de um verbo causal, onde o pronome é sujeito da oração subordinada); (viii) pelo traço [+animado]. No entanto, pouco frequente em estruturas simples, concorrendo com a variante mais perceptível, e pelo traço [-animado]. Por fim, a categoria vazia aparece muito nos contextos, superando as demais variantes em quase todos os tempos verbais, sendo mais privilegiadas pelas estruturas sintáticas simples e por objetos diretos sentenciais e pelo traço semântico [-animado]. O traço [+animado] e as estruturas complexas com dupla predicação desfavorecem o pronome nulo.

Ainda segundo Duarte (1989) o uso de SNs anafóricos não se constitui exatamente como uma variante lingüística, contudo deve ser visto como um processo de esquiva diante da



avaliação social da variação. Quanto ao uso do pronome lexical ocupar a função de clítico, nesse mesmo contexto, tem sido objeto de avaliações negativas, forte estigmatização, pois é identificado como sem “prestígio” social. Em razão disso, se privilegia o uso da categoria vazia como estratégia neutra, não marcada socialmente.

Então, à propósito dos resultados da pesquisa citada, os jovens na faixa dos 15 a 17 anos não fazem uso do clítico. O pronome lexical apresenta seu índice mais alto nessa mesma faixa e decresce à medida que a faixa etária aumenta. A categoria vazia, por outro lado, permanece estável em todas as faixas etárias e em todos os níveis de escolaridade. Ainda com relação à escolaridade, o uso do clítico só supera o do pronome lexical entre os informantes de nível superior. Portanto, é indiscutível a força das variáveis extralingüísticas na realização do objeto direto, como o nível de escolaridade, a faixa etária e fatores estilísticos e o tipo de amostra de fala (conversação espontânea, fala cuidada, textos escritos).

Contudo, ainda que a tradição gramatical dite as regras para o emprego das formas clíticas, o usuário da língua tem se mostrado contrário ao uso de tais regras gramaticais, quando não apropriadas às situações comunicativas de fala espontânea.

2. Variação e Mudança

A princípio, destacamos a asserção de Labov (2008) de que não é possível entender o desenvolvimento de uma mudança linguística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre. Essa noção de indissociabilidade entre a língua (gem) e as relações sociais está na base da teoria sociolinguística, evidenciando que Labov examina como essas relações sociais diversas se relacionam com a variação linguística.

Na perspectiva de Labov, Herzog & Weinreich (2006), a mudança linguística é uma consequência esperada da estrutura interna das línguas naturais. Além disso, os teóricos afirmam que nem toda variação e heterogeneidade implicam mudança. Todavia, toda mudança implica variação e heterogeneidade. A concepção de mudança para Labov (op cit) segue os princípios do uniformitarismo, pois esses princípios esclarecem acontecimentos passados a partir da atualidade, ou seja, é possível compreender os processos decorridos a partir da observação do que está em curso.

Ademais, pode-se observar o que muda na língua conforme as variáveis apreendidas sob faixas etárias distintas, ou seja, na perspectiva do tempo aparente, de modo a diagnosticar se se trata de uma variação estável ou uma mudança em curso. No caso da análise sob



diferentes faixas etárias não representar mudanças na comunidade, mas caracterizar um padrão que se repete diageneticamente, são realizadas observações em tempo real, contrastando dois ou mais períodos de tempo, perfazendo, assim a estratégia necessária para a compreensão de uma mudança em curso.

Sobre o trabalho com essas observações, Labov (1994, p. 84) afirma que a interpretação dos dados em tempo real, de estudos do tipo em painel ou de tendências, requer um modelo subjacente de como os indivíduos mudam ou não mudam durante sua vida, como as comunidades mudam ou não mudam ao longo do tempo, e o que pode resultar da combinação dessas possibilidades. As combinações mais simples produzem quatro padrões distintos: estabilidade, gradação etária, mudança geracional e mudança comunitária.

Ocorre que Bailey (2003, p. 234) adverte para o fato de que, embora os dados em tempo real possam parecer ideais para investigar a mudança linguística, devem ser interpretados com cautela, pois diferenças linguísticas entre dois períodos de tempo, não representam necessariamente mudanças autênticas no vernáculo⁴ de uma comunidade. Antes, podem ter a ver com diferenças de metodologia de entrevista, de procedimento de amostragem ou demografia da comunidade. No entanto, quando criteriosamente utilizados, tantos dados de tempo real, como de tempo aparente são indispensáveis na compreensão de mudança linguística em progresso.

Então, para a teoria variacionista, a mudança linguística se inicia quando a generalização de uma dada alternância em um certo subgrupo da comunidade de fala assume o caráter de diferenciação ordenada. Ou seja, não é uma derivação aleatória, porque a associação entre estrutura e homogeneidade é uma “ilusão”.

A estrutura linguística inclui formas categóricas e formas variáveis, passíveis de sistematização em vários níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo, sendo adequadas às necessidades e características da cultura a que servem e igualmente válidas como instrumentos de comunicação social.

Ocorre que a generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é nem uniforme nem instantânea, uma vez que envolve a correlação de mudanças ao longo do tempo e aparece refletida em diferentes áreas do espaço geográfico. As gramáticas nas quais a mudança linguística ocorre são gramáticas da comunidade de fala. Devido ao fato de as estruturas variáveis contidas no sistema serem determinadas por funções sociais, não é

⁴ É válido ressaltar que, no âmbito da Sociolinguística, o termo vernáculo tem a ver com a fala mais espontânea e adotada cotidianamente por uma comunidade de fala.



possível falar em gramáticas individuais. A mudança é transmitida dentro da comunidade como um todo; ela não está confinada a etapas discretas dentro da família. Toda e qualquer descontinuidade encontrada na mudança resulta de descontinuidades específicas observadas dentro da comunidade de fala. É muito mais do que o resultado de diferenças de gerações.

Os fatores linguísticos e sociais encontram-se intimamente relacionados ao desenvolvimento da mudança linguística. Explicações apenas de um ou outro aspecto falharão ao descrever as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico. Nessa direção, a construção do tempo aparente pode ser usada como Labov propôs, para fazer inferências sincronicamente sobre a diacronia, a mudança em curso. Por isso, reiteramos a ideia básica de Labov de que a variação e a mudança podem ter motivações sociais susceptíveis de estudo sistemático.

Isso posto, pode-se concordar com Labov (1994, p. 568), ao dizer que “quando a língua muda, sua capacidade de transportar informações, muitas vezes, é ameaçada; mas, a longo prazo, a maioria das línguas realmente preserva seus meios de transmissão de informações”. Dentre as línguas com esse comportamento, destaca-se o português brasileiro, seja por constituir um campo fértil para discussão de postulados relativos à variação e à mudança, seja por contribuir para a construção de generalizações teóricas sobre o estudo da linguagem.

Por fim, a língua como atividade social corresponde a

um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas (Castilho, 2000, p. 12).

Logo, indo ao encontro dessa perspectiva da língua como atividade social, apresentaremos a seguir, a metodologia sociolinguística aplicada a esta pesquisa preliminar, visando à uma abordagem de cunho qualitativo para análise dos dados.

3. Metodologia Sociolinguística

A presente pesquisa segue os pressupostos metodológicos da Sociolinguística, conforme formulada por Labov (Cezario, Votre, 2013, p.141). A indissociabilidade entre a língua(gem) e as relações sociais são cruciais à teoria sociolinguística que tem a variação



linguística e a mudança como fundamental ao seu campo de investigação

O principal método para a investigação sociolinguística é a observação direta da língua falada em situações naturais de interação social face a face. Observando a língua em uso e as mudanças que ela absorve, em dados contextos, em decorrência de diversas influências a exemplo de faixa etária, classe social escolaridade etc, expõe o pragmático das estruturas linguísticas e estipula os fatores sociais como variáveis a serem analisadas. Ou seja, esse modelo teórico procura investigar processos de variação e de mudança linguística em atuação em comunidades de fala, a partir da identificação de padrões de comportamento lingüístico ligados a grupos dentro da sociedade. Então, busca relacionar a variação linguística a elementos da estrutura social da comunidade.

Do ponto de vista metodológico, temos a entrevista sociolinguística como *locus* para a investigação dos significados sociais atrelados a categorias macrosociológicas.

Então, neste trabalho, selecionamos como relevante para a caracterização da variação lingüística o nível de escolaridade dos informantes. Entretanto, cabe destacar que além desse fator, existem outros que podem influenciar a caracterização da variação como o tipo de elocução, se mais monitorada e menos monitorada, e o grau de exposição ou sensibilidade à situação comunicativa.

A pesquisa tem como *corpus* dados de fala espontânea, uma vez que entendemos a entrevista como uma ferramenta indispensável, no momento de extrair informações dos informantes, por exercer o entrevistador a menor influência possível nesse contexto. De fato, a entrevista é espaço de (re)construção de sentidos e da própria realidade na interação, havendo menor rigidez em sua estruturação e na definição de papéis e funções de entrevistador e entrevistado. Além disso, inclui-se informações sobre o indivíduo entrevistado, os traços linguísticos do indivíduo e a relação do indivíduo com a comunidade. (Silverman, 2001); Rollemberg, 2013).

A entrevista contou com a participação voluntária de cinco informantes, estudantes de universidade pública, domiciliados na zona urbana, porém com antecedentes rurais em sua maioria.

Buscando um olhar mais etnográfico, formulamos um roteiro de entrevista simples, construído a partir de perguntas com questões que possibilitassem a observação da influência de fatores extralingüísticos na fala dos entrevistados, conforme apresentamos a seguir:

- 1) Durante o seu tempo aqui na universidade, você já presenciou alguma situação



com colegas ou professores que tenha sido engraçada, ou triste, ou constrangedora ou, simplesmente curiosa e que tenha ocorrido em sala de aula ou qualquer outro espaço da universidade? Conte-nos;

2) Fale um pouco sobre o seu trabalho. Onde trabalha? O que faz? Quais são as suas dificuldades e metas profissionais?

3) Você participa de algum grupo de pesquisa ou trabalho voluntário, ou comunidade religiosa? Qual? Fale um pouco sobre isso;

4) Você tem algum animal de estimação? Qual? Conte-nos sobre a rotina do seu pet.

Após a constituição do *corpus*, com base no fator escolarização, efetuou-se o levantamento de todas as ocorrências de objetos diretos co-referentes a um SNA mencionado anteriormente no discurso. Só foram considerados para efeito da pesquisa os casos de SNs anafóricos nas ocorrências em que aparecem os clíticos (o,os,a, as) para retomada do objeto direto.

A partir daqui, descrevemos os trechos representativos das falas dos informantes, seguindo o esquadramento dos dados. Das entrevistas foram transcritos alguns excertos a título de exemplificação. Os voluntários foram identificados apenas pelas iniciais para manter o anonimato.

O extrato 1 pertence à entrevistada A. L., que ao ser perguntada sobre sua relação com animais de estimação, relatou que tinha adotado uma gatinha e, em dado momento, disse: [...] “ela tem um ano e pouco já, é eu adotei ela” (1).

O extrato 2 pertence à entrevistada L. M., que, ao falar sobre sua entrada em um projeto de pesquisa em literatura negra, disse: “mas é o quarto ano já do projeto, então é um projeto. Ele leu ele (2)”... Ao falar sobre esse amigo que a incentivou a se inscrever no projeto de pesquisa, relatou: “Ele é um dos meus melhores amigos hoje... “ eu encontrei ele (3) aqui na universidade” e, continuou se referindo ao amigo... “a gente criou esse vínculo, né? A partir de nossas semelhanças eu pude ajudar ele (4) de alguma forma, sabe?”. Ainda, ao ser perguntada sobre pets, a entrevistada falou sobre seus gatos e relatou: “A gente criou eles (5) do zero.. eu, às vezes, cuido de manhã, né... é sempre eles antes, eu depois, aí eu organizo eles (6) , eles tomam água, tranquilo.

O extrato 3 pertence a G. S., que ao falar sobre a sua rotina na universidade, informou que gostava muito de determinada professora e sobre ela disse: [...] eu admiro bastante ela (7). Ao ser perguntado sobre uma situação marcante envolvendo a professora, relatou: [...] ela pediu



pra gente produzir um som. Ela se emocionou porque fazia mais de um ano que ela não tinha essa interação física, *eu adoro ela* (8)”.

O extrato 4 pertence a M. P que ao falar sobre animais de estimação, a entrevistada disse: [...] Julinha adotou a gente, a gente *pegou ela* (9), por isso eu digo, a gente não *adotou ela* (10), ela adotou a gente.”

No extrato 5, L.S que participa de um projeto de ensino de português, quando teve que sair do curso, porque ia ter que trabalhar, então ele não ia dar continuidade ao curso, veio pessoalmente me agradecer..., então me agradeceu por toda paciência, é ... *por ter incentivado ele* (11)”.

Em seguida, apresentamos a codificação das sentenças consoante as ocorrências encontradas : Eu adotei ele (1) ; Quando leu ele (2); Eu o encontrei ele (3); Eu ajudei ele (4); A gente criou ele (5); Eu organizo ele (6); Eu admiro ela (7); Eu adoro ela (8); A gente a pegou ela (9); A gente não adotou ela (10); ... “por ter incentivado ele (11)”.

Contextualizada a questão, no âmbito dos estudos variacionistas, e em relação ao que preconiza à gramática normativa, demos especial atenção ao esquadramento dos dados, a fim de aplicar a metodologia, apresentando as amostras, visando evidenciar e examinar minuciosamente cada entrevista, em busca de informações que subsidiem a análise de fenômenos linguísticos. Por fim, relacionamos o uso dessas formas ao fator escolaridade.

Na próxima seção, trataremos as discussões relativas aos esquadramentos dos dados para fins de discussão e análise.

4. Análise dos dados e resultado

A análise dos dados de fala indica, primeiramente, uma diferença nítida entre língua falada e o que prescreve a tradição gramatical. O clítico acusativo não apareceu no *corpus*, enquanto os pronomes nominativos ele/ela alcançam o percentual de 100% do total de ocorrências do objeto direto anafórico, consoante mostra o quadro:

**Quadro 2.** Realização do objeto direto anafórico no *corpus*

Variante	Ocorrência	Percentual (%)
Clítico	0	0
Pronome lexical	11	100
Total	11	100

Da hipótese inicial levantada (a de que estudantes universitários fariam uso da variante padrão em razão do nível de escolaridade), o que se observou foi o contrário ao que recomenda a tradição gramatical, uma vez que os entrevistados não fizeram uso de clíticos de terceira pessoa para a retomada anafórica do objeto direto. Quando da análise dos dados, isso já era esperado, em razão da natureza da ferramenta utilizada, a entrevista. Entretanto, ressalte-se que o uso da variante padrão pelos estudantes universitários implica para uma pressão social imposta pela tradição gramatical, para que esses estudantes utilizassem um nível de erudição altamente monitorado.

Esse nível de erudição condiz diretamente com o que propõe Labov (2008, [1972] ao se referir à noção de estilo com atenção prestada à fala. Para o autor, o monitoramento da fala se estabelece numa dualidade formal/informal. Diante de tal assertiva hipotetizou-se, como segundo plano desse trabalho, que os informantes pudessem monitorar a fala por serem estudantes de nível superior e, portanto, sofrerem - por assim dizer - pressão social para monitorar a fala, independentemente, da situação comunicativa e das circunstâncias de produção dessa fala. Portanto, temos como resultado que, nas situações comunicativas apresentadas, o uso dos clíticos de terceira pessoa (o,a,os,as) para a retomada do objeto direto anafórico foi zero, prevalecendo o uso dos pronomes nominativos ela/ela como estratégia anafórica.

Contudo, esta pesquisa preliminar de caráter descritivo ressalta a importância de estudos complementares que investiguem esse fenômeno para que essa hipótese possa ser confirmada em uma escala maior, com um volume de dados mais consistentes.



Considerações finais

Neste estudo, discutimos a realização dos clíticos (o, os, a, as) para a retomada anafórica do objeto direto, na fala de estudantes universitários, em comparação ao que parametriza a gramática normativa. Após a análise dos dados do clítico acusativo na fala dos informantes entrevistados, constata-se o uso do pronome lexical como estratégia alternativa de retorno anafórico do objeto direto. Ademais, percebe -se, que apesar do nível de escolaridade dos entrevistados, existe uma nítida percepção de preferência pelo uso do pronome lexical, contrapondo-se ao uso da variante padrão normatizada.

Então, a hipótese preliminar de que estudantes universitários por serem mais escolarizados fazem uso do clítico acusativo em detrimento das outras variantes, não se confirmou.

Nesse sentido, compartilhamos da ideia de que a língua falada não se curva a imposição de regras arbitrárias, em detrimento dos usos já consagrados pelos falantes. Nas várias formas de interação, a língua que utilizamos muda, de alguma maneira, para adaptar-se ao interlocutor e ao contexto de situação. Os dados obtidos a partir da variável escolaridade revelam a força da dimensão extralinguística na variação linguística.

Então, é possível que estejamos diante de uma tendência a variação e mudança, no de uso dessas formas clíticas, nas falas de estudantes universitários.

Assim, espera-se que essa pesquisa, possa ter trazido algumas reflexões sobre o uso dos clíticos de terceira pessoa (o,a,os,as) para a retomada do objeto direto anafórico. Aqui, levanta-se a hipótese de que haja uma tendência de uso desses pronomes nominativos como estratégia anafórica privilegiada na fala de estudantes universitários.

Por fim, essa pesquisa sugere que estudos, em maior escala, sejam realizados com a mesma finalidade do trabalho que ora se apresenta.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Guy. Real and apparent time. In: **The handbook of language variation and change**. ed. by J.K.Chambers, Peter Trudgill, and Natalie Schilling-Estes, 312-332. Oxford/Malden: Blackwell. 2003.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
_____. **A norma oculta**. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.



_____. **Nada na Língua é por Acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** 3ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada e o ensino de língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2000.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa.** 26ª ed. São Paulo, 1985.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.) et al. **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2013, p.141-155.

CUNHA, Celso. (1975). **Gramática do Português Contemporâneo.** Belo Horizonte, Ed. Bernardo Álvares S.A.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1986). **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil.** São Paulo: PUC-SP, Dissertação de Mestrado.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1989). **Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil.** IN: TARALLO, Fernando. (org). *Fotografias sociolinguísticas.* Campinas (SP): Pontes / UNICAMP. (Coleção linguagem-crítica).

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. (org) **Linguística da norma.** São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 37-61.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. (2004). IN: . (org). **Introdução à Lingüística II: Princípios de análise.** 3ª ed. São Paulo: Contexto.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice: the linguistic construction of social meaning in Belten High.** Oxford: Blackwell, 2000.

LABOV, Willian. **Principles of linguistic change. Internal factors.** Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LYONS, Jhon. **Introdução à linguística teórica.** São Paulo: C. E. N., 1979.

MONTEIRO, José Lemos. (2000). **Para compreender Labov.** Petrópolis, RJ: Vozes.

SILVERMAN, David. **Interpreting qualitative data: methods for analyzing talk, text an interaction.** 2 ed. Londres: SAGE, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian.; HERZOG, Martin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].